

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 611	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte. m. forte)	8\$800	1\$900	8950	8120	15 DE DEZEMBRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



ALEXANDRE DUMAS — FALLECIDO EM 27 DE NOVEMBRO DE 1895

(Cópia de uma photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

Luiz Guimarães e Santos Tavares. Conheci-os ambos, aqui, brincando no jardim do Collegio Ariaga, para onde deita a janella do meu quarto de trabalho.

Agora mesmo um bando de rapazes, outros poetas talvez, *in herbis* por ora, aqui anda n'uma algazarra infernal, que me não transtorna, porque tudo aquillo é vida, é alegria, são perfumes de primavera, que me entram pelo quarto na luz dos raios do sol.

Já n'esse tempo o Guimarães fazia versos, muito errados é certo, mas reveladores do coração de artista, que herdara do pae, um dos maiores poetas do Brazil, um dos que no oiro da lingua portugueza mais caprichosos ornatos souberam burilar. Santos Tavares publicava os seus versos n'uns pequenos jornaes manuscritos, que todas as semanas viam a luz de pequenissima publicidade, e illustrava-os com caricaturas em que era insigne entre a rapaziada do collegio.



LUIZ GUIMARAES

Conheci muito o Luiz Guimarães. Seu pae era então fóra de Portugal e a avó, a cujos cuidados ficara entregue a educação do pequenito, era sufficientemente bondosa para consentir que seu filho viesse ás vezes para minha casa. Fomos até ao theatro uma noite, nós tres, eu, elle e meu filho, alumno que foi tambem do mesmo excellente collegio. Vimos o *Barba Azul*. Uma noite de festa! Luiz Guimarães, que tinha então doze ou treze annos, mostrava-me os seus versos, feitos com toda a innocencia d'um coração, que era um thesouro. Lembro-me d'uma poesia intitulada, se não me engano — *Os nomes de que mais gosto*. Eram elles o de sua irmã Iracema, o de uma outra senhora sua parenta e Cecília, o de sua mãe, aquella cuja morte ao grande poeta brasileiro, esposo amantissimo, inspirou uma das mais formosas poesias do seu livro tão raro, tão sentido, tão commovedor, de tão alta inspiração. Eram os sonhos tão rapidamente desfeitos pela brutalidade da morte, que inspiravam o filho agora. Mas havia um nome ainda, que a criancinha orphã adorava. *Emilia*. Sabem porque? Só... porque se parecia com Cecília. E essa razão tão innocente, innocentemente explicada n'uma quadrinha de rimas pobres e versos errados, enternecia a gente. Amava quanto, por levemente que fosse, lhe recordava a mãe; dizia-o, sem artificio algum, n'aquella pagina d'um livro pequenino, encadernado, todo elle escripto com a letra encavalada das crianças, com titulos sombreados de boa calligraphia infantil.

Luiz Guimarães partiu para a Universidade de Coimbra, Santos Tavares, ficando em Lisboa, matriculou-se na Escola Polytechnica.

A differença dos meios em que viveram, quando começaram sentindo o desabrochar das azas com que haviam de voar, teve fatalmente de ma-

nifestar-se nos primeiros livros em que um e outro nos contaram os sonhos das fantasias, os anseios dos corações, o navegar das almas pelo espaço azul.

Luiz Guimarães escreveu os *Versos Intimos*, quando o silencio era apenas interrompido pelo murmuro poetico das aguas azues do Mondego; contemplando o luar amplo, o espaço infinito, o céu magestoso, os astros dourados. Os salgueiros de Coimbra ouviram o balbuciar de versos a João de Deus, a Guerra Junqueiro, a João Penha, a Gonçalves Crespo, a quantos mais! O Mondego é o rio dos poetas e foi cantado por Camões.



SANTOS TAVARES

Santos Tavares escreveu as suas *Somnambulas* em Lisboa. Tem um lyrismo differente. Traçou os seus versos a chorar, diz elle; mas quem lhe trouxe as lagrimas aos olhos encandeados pela belleza da mulher foi a aria que ouviu á languida hespanhola, foi a musica vibrante d'uma guitarra chorosa. Sonha com beijos, padece de nevroses. A capital seduziu-o e ao canto dos rouxinoes na sombra dos chorões vergando as ramarias até ás aguas scintillantes de luar, prefere o rolar das pombas brancas que andam á solta, sem pombaes em que se abriguem e que dormem ao acaso n'um bueiro de muro velho ou no frio marmoreo d'uma rendilhada cornija de palacio. Uma saudade ou outra depressão lhe passa. A fantasia d'elle rola desnorteada, no grande borborinho da cidade immensa, para onde a levam, cantando aqui a mília de Sevilha e logo depois a Venus sonhadora. Para elle é musica celeste a seguidilha, um rufo de pandeiro inspira-lhe mais canções que uma symphonia de Beethoveu. Diz elle:

*Eu sento n'um sonho alado
Minha alma rogar á toa.*

E' phalena nocturna que toda a luz atrahê, com tanto que seja luz, que ella se retranja n'uns cabellos d'oiro ou scintille n'uns olhos negros.

E' entretanto, caso commovedor, Luiz Guimarães, orphão de mãe, dedica seus versos ao pae; Santos Tavares orphão de pae, dedica os versos á mãe. E' que os poetas, sempre em busca de luz pelas regiões altas e frias, precisain ás vezes do calor d'um affecto carinhoso, do concheço d'um peito cuja amizade não minta.

Dos *Versos Intimos*:

*Meu pae: os seguintes versos
São passarinhos sem rumo,
Leva-os o vento, dispersos.
Como as cinzas, como o fumo...
E fêca somente escripto.
Neste livrinho sem brilho,
O meu amor infinito,
O meu respeito de filho.*

E Santos Tavares, offerecendo o livro a sua mãe, começa assim a dedicatória:

«Minha mãe. Eis aqui o meu primeiro livro, simples e pobre como a minha alma de artista, sincero como o teu amor.»

E termina:

«Abre o: e então verás n'elle escripto a sangue e na primeira pagina o teu nome, toda a minha alma e todo o meu coração.»

Mas não bastava isso, para que o livro corresse, não bastava a egide do amor dos vivos, preciso era que os mortos o abençoassem.

A memoria do pae dedica Santos Tavares a quadra seguinte:

*Se o teu nome não gravi
N'algun soneto ou canção,
E' porque o tenho gravado
Nas folhas do coração.*

pagina de lucto se intitula uma das primeiras dos *Versos Intimos*:

Como um anjo que foge, envolto n'um sorriso,
Como a ave que solta o seu voar comprido,
Como um jorro de luz, voando ao Paraíso,
Como um suspiro triste, e longo, e dolorido,
Voaste para sempre! E Deus, nobre e bendito,
Na face te pousou o beijo que confrta.
Minha mãe! Minha mãe! Oh! deusa do infinito!
Minha mãe! Minha mãe! Oh! adorada morta!

Os versos de Luiz de Guimarães, em que nos revela quasi a medo os primeiros adejos do coração, foram sonhados antes de moldados em rimas durante passeios extensos sob as arvores das margens do rio; são puros como o luar argentino, cantam como as fontes, teem o aroma das flores esmagadas, no leito em que devaneou contemplando a noite cheia de placidez.

AMOR

*Quando te vejo assim, ó pallida creança,
Eu gostava de ser
A rosa que te enfeita o brilho d'essa trança,
Quando te vejo assim, ó pallida creança,
Dormindo de prazer...*

*Lembras te? Alguem cantava
Nas faldas do monte, oh! santa!
E o vento sem dó, soprava
As doces folhas da planta...
Sublime, o cantor da noute,
Erguia os cantos ao céu,
E veu alguém... e beijou-te
A renda fina do veu
Tu, formosa! então olhando
As ondas d'esse mar vasto,
Lhe respondeste, chorando,
Com outro beijo tão casto!*

*Lembras te? Insectos vermelhos
Vaguearam nos espaços,
Quando eu cahi de joelhos
E tu vieste aos meus braços...
Foi então que vi, querida!
N'esses teus olhos divinos
Ha mais calor, ha mais vida,
Hue nos astros pequeninos...
No fim, meu anjo, dormiste*

*Socegado, meu amor,
Enquanto ao longe era triste
O triste vôo de um condor.*

*Quando te vejo assim, ó pallida creança,
Eu gostava de ser
A rosa que te enfeita o brilho d'essa trança,
Quando te vejo assim, ó pallida creança,
Dormindo de prazer.*

Santos Tavares preferia a toda essa harmonia divina ver passar mulheres bonitas pela esquina do Suisso.

*Os seus olhos negros, negros,
São negros como o carvão,
São olhos que se reflectem
Nos antros do coração.*

*São uns olhos meigos, meigos,
Tão meigos como o velludo,
Só por vel-os sempre, sempre,
Dava a vida, dava tudo.*

Mais longe vai pedir a inspiração ás

CASTANHOLAS

*Echoa ao longe doce e brandamente
A musica celeste, a seguidilha,
Como um grito de amor triste e plangente
Desta bizarra saia de Sevilha.*

*No rendilhado negro da mantilha,
O rosto esconde, meigo e penitente;
No seu olhar voluptuosamente
Um misto de alegria e dôr rebrilha.*

*E, quando passa airosa no seu break
Aos tremulos meneios do seu leque,
Cheio de luz, de aroma e de salero,*

*Eu julgo então sentir dentro em minha alma
Toda a paixão enorme que se acalma
Aos tepidos arrufos d'um pandeiro.*

Passou-se um anno, um anno apenas. Luiz Guimarães publicou, ha poucos dias, um novo volume de versos, *O Livro da minha Alma*; Santos Tavares tem um outro em preparação com o titulo provisório de *Via Lactea*.

É todo o novo livro de Luiz Guimarães uma demonstração evidente d'uma assidue leitura de Baudelaire, o grande Deus dos poetas modernos, o que mais facilmente é hoje amado e tão bem comprehendido por todos os que soffrem, por todos os que tem o culto da Dôr, como se o prazer passando pelo infinito mudasse de signal e os poetas só encontrassem vida muito para além das regiões estrelladas, para cima, muito para cima das espheras crystallinas e sonoras.

Passando rapidamente pelos olhos aquellas cem paginas, revela-se-nos o poeta como um sedento, que receia ser um Tantalos. *Lasciate ogni speranza* se intitula um dos seus melhores sonetos.

*Às vezes contemplando o escuro céu estenso,
Eu vejo com pavor phantasmas peregrinos,
Como se a luz faltasse aos astros diamantinos
E apagados então, se dilatassem immensos...*

*Vejo uma ave negra... e então comigo penso
Se os Espiritos meus, os mortos assassinos,
Não vem sob essa forma, e n'um mysterio denso
Maldizerem a sorte aos amantes divinos.*

*Pergunto, pois á Noite, em frente d'essa orgia:
— Qual será a Mulher que eu hei de amar um dia,
Cuja alma de luz todos os bens resume?*

Qual será, oh! meu Deus! a noiva estremecida?

*E julgo ouvir na sombra a ave espavorida
No fremito do vôo me responder: — nenhuma!*

Ainda uma outra poesia tem por titulo *A voz de Shopenhauer* e como epigraphe o triste verso de Baudelaire, tanta vez tão cheio de verdade:

C'est la Mort qui console, hélas! et qui fait vivre.

Luiz Guimarães com os seus vinte annos não sentiu por mais d'uma noite aquelles versos, que aliás não representam no livro senão um desanimo de que o poeta acorda para cantar novamente o amor pela mulher mytho, a quem dedica o livro da sua alma.

*A ti, cujo seio alvo e cujo ardente collo
Hão de um dia torcer os meus labios de chamma,
Pastora gemea irmã dos pastores de Apollo,
Que me dizes no olhar que soffres e que amas.*

Santos Tavares no seu novo livro vai cantar o campo, o campo refugio dos poetas amargurados. *Refuges* chamon Rollinat ao seu capitulo de paisagens das *Nervoses*.

Ambos querem ter soffrido, porque ambos amam a Dôr, a musa divina que inspira as melhores canções, a Dôr que os poetas acariciam, aquella a quem Baudelaire offerece a extraordinaria poesia que se chama *Recueillement*.

Quando elles tiverem cabellos brancos, rugas na fronte, o coração enlutado, que saudades não hão de ter d'esses desanimos dos vinte annos, d'essas pequenas nuvens muito doiradas, muito tenuous, que o sol beija na aurora!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

ALEXANDRE DUMAS

Por um telegramma publicado pelo *Seculo* soube-se em Lisboa a triste nova de estar agonisante em Marly-le-Roi o primeiro dramaturgo dos tempos modernos. Horas depois, publicavam todos os jornaes a lugubre noticia da morte de Alexandre Dumas, exactamente quando pelas esquinas da cidade se annunciavam as representações de não menos de tres obras suas: *L'Ami des Femmes*, *La Dame aux Camélias*, *La Femme de Claude*.

Nascido em 28 de Julho de 1824, tinha vinte e oito annos, quando transformou no drama pathetico de todos conhecido o romance pouco antes publicado, *La Dame aux Camélias*. Um triumpho indiscutido abriu lhe n'uma só noite os dois batedes da porta d'esse templo glorioso, cujo magno sacerdote havia de ser, até quasi aos derradeiros momentos d'uma vida cheia de gloria e de trabalhos.

Ainda ha bem poucos dias, no theatro de S. Carlos, uma das mais extraordinarias interpretes da obra do grande morto nos deu a quantos a ouviram a mais profunda das commoções com esse papel de Margarida Gauthier, typo romantico da peccadora purificada pelos raios do amor, extranha perola iriada, que um bocadinho de calor luminoso extrahe das lamas da rua.

Amar e soffrer. Essa mulher ficou como um typo. Alexandre Dumas paraphraseou no drama a genial poesia de Victor Hugo.

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe.

A dor d'essa mulher do prazer deu a Verdi uma das suas paginas de musica mais gloriosas, entre motivos vulgares e côros fastidiosos, o preludio sublime do quarto acto da *Traviata*, um dos bellissimos trechos de musica italiana, digno de fazer parte do mais meticuloso programma de concerto.

Passeava Dumas pae, nervoso, com o coração oppresso, batendo lhe de alegria e de anciedade, durante a primeira recita da *Dama das Camélias*, quando, rebentando de todos os lados do theatro os applausos freneticos, um tolo, d'estes que sempre duvidam, lhe perguntou que collaboração havia elle tido na peça do filho. E Dumas respondeu:

— Fiz o auctor.

Uns amores do acaso Uma modistinha que o poeta dos *Mosqueteiros* se lembrou de namorar, quando passava pela rua e a viu simples, gentil, muito novinha, trabalhando na loja, com os olhos bonitos, humildes, sobre a costura.

Foi ella a mãe do grande dramaturgo. Bem lhe pagou o amor do filho qualquer dor que lhe trouxesse a volubilidade do amante, o doído sublime, prodigo de todas as fortunas.

A educação da mulher, a defeza d'esse entesinho fragil, para quem elle quasi sempre pede com misericórdiosa justiça um completo perdão, foram o fim principal de toda a sua obra. Nos differentes problemas da vida social, que pretendeu resolver com todo o fulgor d'um altissimo espirito, com os deslumbramentos encantadores do seu estylo, entrava sempre como tunção a mulher, que foi o grande amor do seu espirito, possivelmente, provavelmente, o do seu coração discreto.

Alexandre Dumas não tinha sobre a missão do theatro o parecer de Baudelaire sobre os poemas: *«Aucun poème ne sera si grand, si noble, si véritablement digne du nom de poème, que celui qui aura été écrit uniquement pour le plaisir d'écrire un poème.»*

Os dramas de Alexandre Dumas contem sempre uma these. Essa, se o drama lhe não basta, defende a nos prologos tão famosos como a obra que lhes deu razão, nas suas respostas celebres aos criticos, nas cruentas polemicas a que a psychologia, dos seus personagens, a philosophia dos principios impostos, deram sempre origem, desde o seu primeiro trabalho theatral.

Dumas era um convencido, o que o não impediu de respeitar a opinião do adversario.

Em 1891, escrevia elle:

«Não quero mal aos jornalistas que me atacam na minha obra e dizem que não tenho talento; e isto porque é essa muita vez a minha opinião: mas corto sempre as minhas relações directas e

voluntarias com os jornaes que me atacam no meu caracter e na minha dignidade.»

Elle conhecia bem certas raças de criticos que suprem a falta de razão e de bom senso com a impostura e a calumnia.

O theatro de Alexandre Dumas é todo elle discutivel; o dramaturgo não deve sel-o. Poucos conheceram como elle a engrenagem em que se nos prende fatalmente a attenção pelo interesse, a razão pelo brilhantismo da defeza. A admiração é fatal. A sciencia do theatro possuiu-a como nenhum.

Trabalhou até quasi ao fim da vida.

Pode dizer-se que a Morte o veiu encontrar á mesa do trabalho.

Ha muito que se annunciava *La Route de Thèbes*. Em um de outubro, porém, já Dumas escrevia a Claretie:

«Não contes commigo. Já estou vencido. Não ha peor supplicio para um homem intelligente do que assistir á propria decadencia.»

Vencido pela Morte que o foi atacar no cerebro.

No dia 27, á noite, expirava rodendo pela familia. No testamento recommendava que o enterrassem com o seu fato de trabalho.

Agora dorme, descança enfim no cemiterio Montmartre com o cerebro esphacelado por um cancro, o cerebro poderoso que tanto pensou, que deu vida a tanta coisa bella.

CONDE DA CARNOTA

John Smith Athelstane, 1.º Conde da Carnota em sua vida, e Comendador da Ordem de Christo, nasceu em Londres a 9 de maio de 1813, descendente, por bastardia, do Rei Edward Athelstane que reinou em Inglaterra de 877 a 879.

Tendo recebido uma esmerada educação seguiu os primeiros cursos para o foro inglez; mas aborrecendo-se depressa de tão arido estudo, e não se sentindo com vocação, abandonou o para a diplomacia, entrando como addido na Legação da Sardenha em Londres. Achando, porém, poucos encantos n'esta nova carreira, cedo a deixou e, viajando, entregou-se ao estudo da vida do Grande Marquez de Pombal, colligindo apontamentos nos archivos Diplomaticos de Londres, Paris e Vienna.

O incentivo para este trabalho especial encontra-se na sincera amizade que existia entre a familia do Conde da Carnota e o marechal Duque de Saldanha, neto d'aquelle preclarissimo estadista, amizade que começou nos primeiros annos do exilio do marechal, e que nunca soffreu interrupção nem affrouxou até a sua morte.

Pode se dizer que no coração do Conde da Carnota havia quatro ideias predominantes que tocavam quasi no fanatismo. Eram a sua apreciação das obras dos antigos mestres da pintura; a sua veneração pelo caracter do Marquez de Pombal; a sua escriptada devoção ao marechal de Saldanha, seu cunhado; e a affeição que consagrava á sua casa, que tanto embellesou, e onde passou mais de metade da sua vida — a sua quinta da Carnota.

Como pintor precisava apenas de ter sido mais industrioso para deixar nome; como critico das Bellas Artes era de fino gosto, muito saber, e de uma perspicacia rara; como escriptor provou o seu merecimento e o seu espirito investigador nas *Memorias of the marquis de Pombal*, obra que deu á luz em 1843, com segunda edição em 1872, e que foi traduzida para portuguez; e na biographia do Duque de Saldanha, em 2 volumes, tambem em inglez, que publicou em 1880.

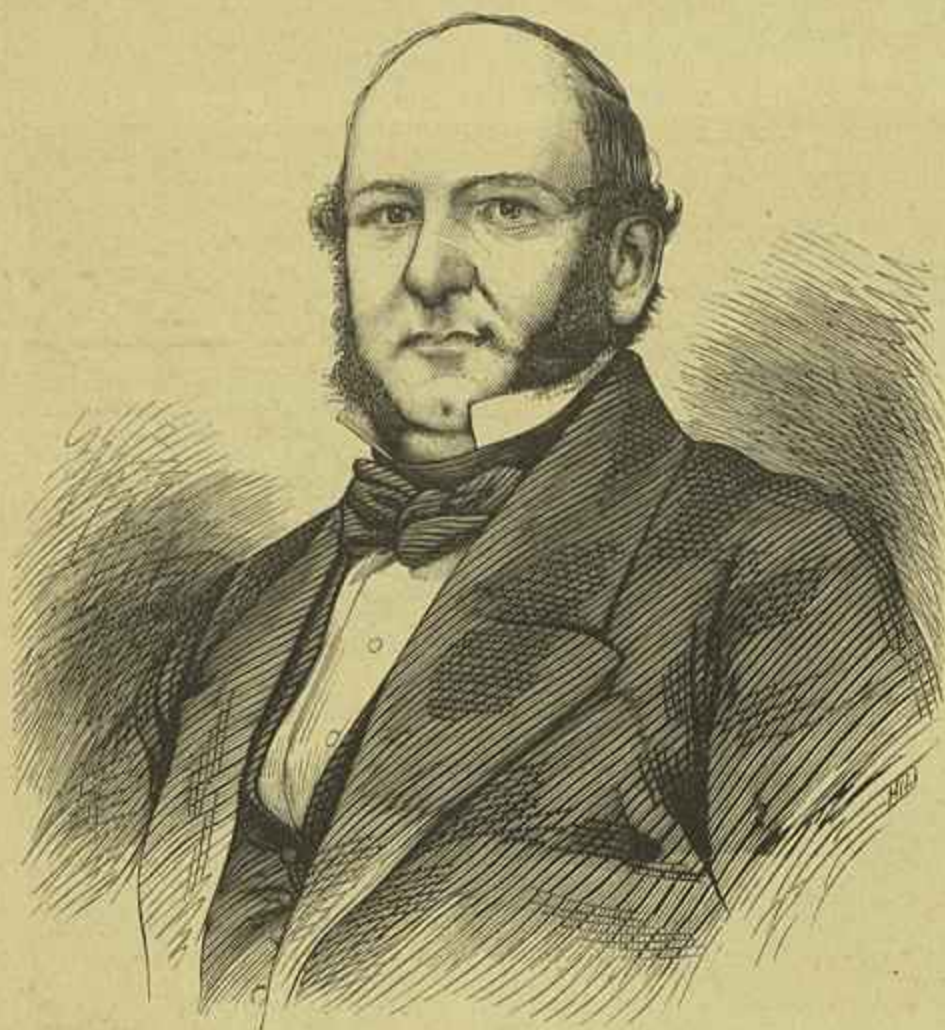
Tendo casado em 1850 com uma viuva ingleza, pouco tempo gozou da companhia da sua esposa. Ella morreu em 1856, e d'ahi em diante, até ao seu fallecimento o Conde da Carnota viveu quasi sempre na propriedade de que derivou o titulo, entregando-se ao estudo, e ao aformoseamento da sua vivenda.

O seu passamento teve logar em 16 de Abril de 1886.

O EX-CONVENTO DA CARNOTA

Esta pittoresca propriedade que Frei Martinho do Amor de Deus, na sua Chronica da ordem de Santo Antonio dos Capuchos, descreve como sendo um Bussaco em miniatura, fica no valle do mesmo nome, no concelho de Alemquer, entre aquella villa e a de Arruda dos Vinhos, da qual dista duas legoas, e de Alemquer uma.

Fundado em 1408, em terreno comprado por el-Rei D. João I ás freiras de Odivelas, que o tinham possuido desde o principio do seculo ante-



CONDE DA CARNOTA
(Cópia de uma photographia)

rior, o Convento da Carnota foi primeiro povoado pelos frades da Ordem Franciscana, e só no século seguinte foi d'ella separado para, com algumas outras casas religiosas, servir de habitação aos frades que seguiam os preceitos mais asceticos do grande Thaumaturgo lisbo-nense.

Desde a sua fundação esta casa foi sempre muito dilecta das familias reinantes, e dos homens eminentes das duas ordens a que pertenceu. D. João I, tomando Ceuta, trouxe de lá as 24 columnas do marmore que ornavam a casa de jantar de Salah-beu-Salah, o governador d'aquella afamada praça de guerra, e deu 12 para sustentar o claustro do seu novo convento, enviando as restantes para os paços dos duques de Bragança em Barcellos. Seis d'estas columnas ainda se conservam na casa, e outras seis foram empregadas na construção do jazigo do actual proprietario, no cemiterio da freguezia dos Cadafaes.

El-Rei D. Duarte ia para ali confessar-se amiudadas vezes. D. João II visitou-o. D. Manoel e sua filha, D. Maria, fizeram-lhe diversas visitas; e a Infanta ali mandou fazer um formoso Presepio. D. Pedro II foi hospedado, incognito, pelos frades, e concedeu-lhes o padroado da Casa do Infantado, com uma importante pensão annual.

Ahi viveram Frei Diogo Arias, Frei Garcia de Montañoz, Frei Alfonso Sacco, confessor d'el-Rei D. Duarte, Frei Francisco de Montalverne, Frei Gaspar da Carnota, e outras muitas notabilidades fradescas. Ahi se recolheu, em 1627, o typographo Antonio Alvares para imprimir a *Obrigaçào do Frade Menor* de Frei Damaso da Presentaçào.

Nos carneiros da Igreja do Capitulo e do Claustro, não faltam cinzas de homens illustres. Ahi repou-

sam muitos dignos filhos das Ordens. Ahi se encontram as sepulturas do Doutor Diogo Pacheco que, no reinado de D. Manoel, foi duas vezes a Roma como embaixador, segundo diz o epitafio, talvez inexactamente; do grande Antonio Cor-

reia, chamado «de Baharem,» por ter conquistado a ilha, assim denominada, na India; do grande hydrographo Manuel de Mesquita Perestrello; e de outros que deixaram nome na historia.

Do Presepio, que era fama, apenas existe o sufficiente para se poder formar uma ideia da sua grandeza. Das capellas que, à semilhança do Bus-saco, ensinavam ao povo analphabeto a vida do Redemptor por meio de figuras de tamanho natural, já poucas restam. As reliquias de que o retabolo do altar-mór tinha farta copia, foram destruidas pelo povo ignorante, no tempo que a casa esteve abandonada, em 1834.

Mas se a apparencia conventual soffreu, a parte natural não só está intacta, mas até melhora-da. A frondosa mata, com seus elegantes pinheiros mansos, e magestosos carvalheiros seculares, prova a dedicacào e o bom gosto de muitas gerações de espiritos cultos que, desprendidos das vaidades do mundo, aqui acharam o socego no retiro, entregando-se ao embelezamento da sua casa querida.

Findaram os frades, e o extincto convento teve a fortuna de cair nas mãos de um homem tão competente para o conservar como elles tinham sido para o fazer. Depois de um periodo de abandono, foi comprado aos Proprios Nacionaes pelo primeiro Barão de S. Jorge de Kantzow, e por elle vendido, pouco depois, ao fallecido conde da Carnota, que ahi passou uma grande parte da sua vida restaurando e couservando os edificios e a cerca, a ponto de tornar a actual quinta da Carnota uma das vivendas mais apraziveis da Estremadura.

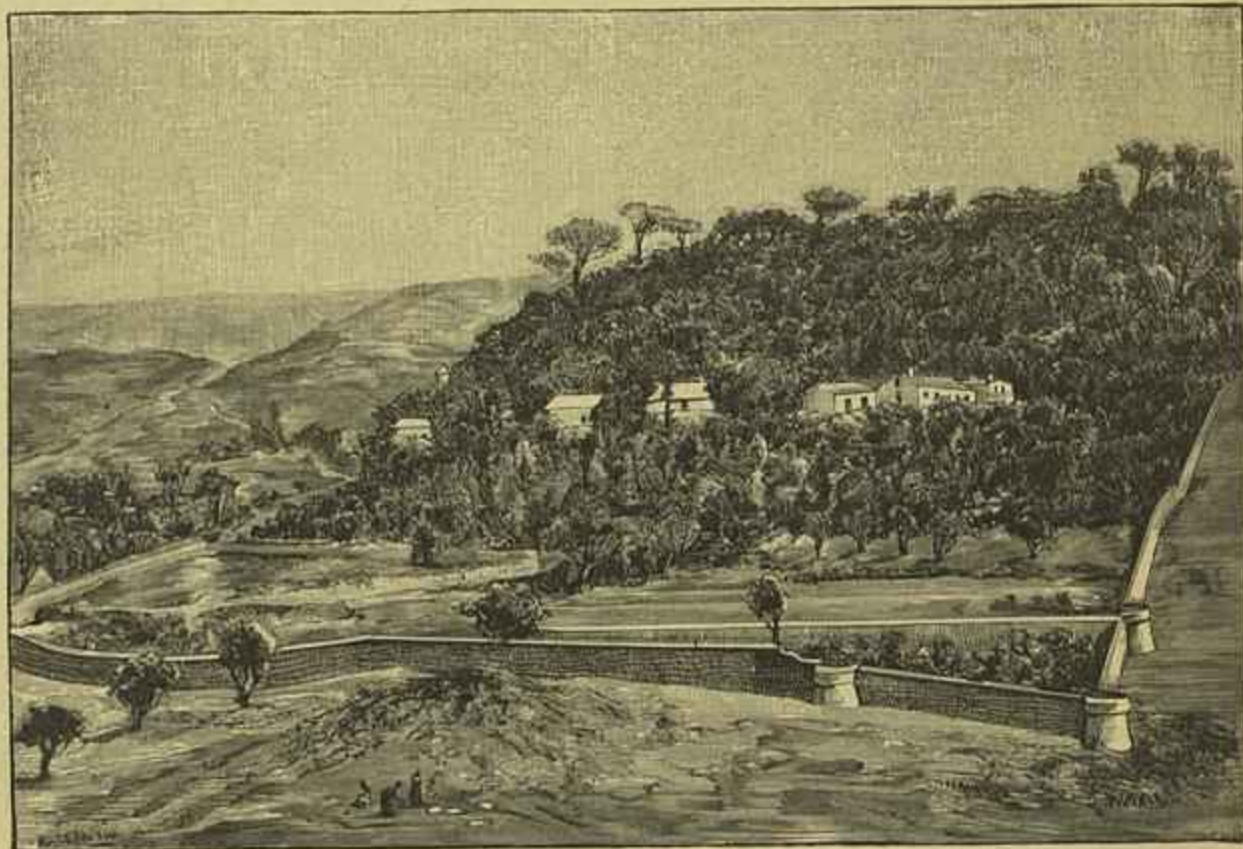
Por uma coincidência singular o terreno da cerca a as mais propriedades que, até 1468, se acharam unidas na posse do Convento de Odivellas, e estiveram, depois, quatro séculos e meio separadas, agora, novamente, tornaram a ser reunidas nas mãos de um só proprietario.

Guilherme J. C. Henriques.

UMA SERENATA EM VENEZA

E' ás nossas gentis leitoras que dedicamos a formosa gravura que illustra a pagina 277 e que tem por titulo: *Uma serenata em Venezia*.

N'esse quadro representa-nos o artista os trovadores vestidos á maneira do século XVI e portanto deu á sua obra outra significacào: o referir-se a uma epoca tão caracteristica da affectividade fes-menina; em que Izabel de Hespanha punha as suas joias á disposicào de Colombo, e em Portugal a boa rainha D. Leonor, mulher de D. João II



EX-CONVENTO DA CARNOTA
(Cópia de uma photographia)



UMA SERENATA EM VENEZA

undava as misericórdias, soccorrendo os desvalidos por intermédio d'essas instituições que lhe santificaram o nome.

Em pleno seculo, pois, de affectividade feminina, nada de mais gracioso, nem de mais requintada galanteria do que uma serenata. Na Provença, os trovadores enamorados, iam cantar sob a janella da dama dos seus pensamentos, canções d'amor, n'uma linguagem balbuciante e encantadora a que o sangue meridional da doce França das canções de gesta juntava um novo encanto e uma maior seducção.

Mas se a poetica Provença era propria ao desenvolvimento da poesia lyrica, mais digna de animar era Venezia, a cidade ideal, sempre enamorada de si mesma por se estar revendo no espelho das suas aguas.

Veneza, a rainha do Adriatico, a cidade voluptuosa e cheia de magia, onde tudo nos fala de amor e de poesia, desde a *Ponte dos Suspiros* até a *Via aurea*, o grande canal, o palacio dos Doges, mil recordações, emfim!

Cortada por uma emmaranhada de pequenos canais, Venezia remira-se toda nas placidas aguas que as gondolas ligeiras, cheias de mysterios, tão habilmente governadas são pelo barqueiro, como se foram tenues pennas de ave ao sabor das correntes.

De forma assaz graciosa, tem a gondola o collo de cisne; embarcação tão cantada pelos poetas, nunca se recusou a servir-os quando por uma noite estrellada, deixando apoz si uma comprida esteira argenteada pela tremulina, os conduzia, a um canal deserto nas trazeiras de um palacio a cuja janella apparecia pouco depois uma patricia veneziana a quem era dedicada a serenata.

E se um raio de luar mais intenso illuminava o parapeto do balcão rendilhado, a que se apoiava a nobre dama, poder-se-ia vêr o requinte com que se paramentára: o cabello negro e sedoso mostrava estar embebido nas essencias e perfumes do Oriente, cujo commercio, até então, Venezia tinha monopolizado.

A escolha do vestido para aquella dia fôra grave assumpto assaz pensado. Os aneis, os braceletes e todas as outras joias, tinham successivamente passado de escolha em escolha, de troca em troca, de dedo para dedo, de pulso para pulso; pois, que a nossa enamorada patricia veneziana possuía um precioso museu em que as rendas e os leques disputavam primazias.

Os mil cuidados no arranjo dos corações do seu penteado formavam um poema, mas enfim a nobre veneziana com o seu veu, o *zondolletto* como lhe chamavam, apparecia radiante de formozura.

E esperando todo um dia o seu leal amante, quando no silencio da noite elle accordava o echo das aguas com as suas melodias, prestes vinha á janella a nobre dama que agradecendo gentilmente a serenata enviava ao principal trovador n'um doce olhar todos os anhelos, todos os perfumes dos castos anseios do seu coração enamorado.

E a serenata prolongava-se animada pela presença da formosa patricia, e quando altas horas a gondola se retirava, deslizando suavemente, já se não ouviam canções de amor, mas sim de vez em quando a voz do barqueiro:—*Sia premi!* (á direita!) *Sia stoli!* (á esquerda!) *Sia di lungo!* (vá direito!); commandando a volta de um canal para o outro.

Esteves Pereira.

A EXPOSIÇÃO DE ARTE NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

Abriu finalmente no Atheneu Commercial a exposição que annualmente alli costuma organizar um grupo de artistas portuenses, e que vem adiada desde a primavera, por causas diversas, uma das quaes, a ultima, foi a de proceder-se á pintura decorativa do salão em que o certamen se realisa.

A exposição conta algumas boas telas e novas revelações de artistas promettedores.

O quadro de sensação é a grande tela de José de Brito, denominada «Martyr do fanatismo», que esteve este anno no *Salon*, de Paris.

Uma horrorosa scena da Inquisição, em que se destaca, amarrado a um cavalete, o corpo nu de uma mulher nova, contorsendo-se no meio das dores terríveis produzidas pelas torturas a que sujeitam a desgraçada.

A paciente, que está sendo interrogada por um frade, tem já arrancadas as phalanges dos dedos das mãos, preparando-se o carrasco para lhe aplicar um ferro em braza ás solas dos pés.

A figura da mulher, que é de uma expressão magnifica em todos os seus pormenores, sobre-

sahe brilhantemente na sua carnção vigorosa e nas suas linhas harmoniosas, do fundo tenebroso do subterraneo.

Essa figura está desenhada e pintada de um modo superior. Junto da paciente vêem-se tres frades, um dos quaes deve ser o supremo juiz do Santo Officio, e outro o escrivão, que lê em voz alta o contheudo de uma parte do processo. Ha ainda dois carrascos e varios accessorios, tudo tratado com superior intelligencia.

O que não podémos descobrir foi a significação de uns vultos que se assignalam tenuemente, no fundo, atravez da luz que se cõa pela escada que desce para o subterraneo. Será uma allegoria? Serão outros pacientes que esperam a vez do interrogatorio? Não sabemos. Aquillo é demasiado confuso para que se explique facilmente.

José de Brito expõe mais duas pequenas telas «Refeição» e «Vaccas», de muito menor merecimento.

Um dos trabalhos mais notaveis, nenão o mais notavel da exposição, depois do quadro de José de Brito, é o esplendido retrato «Quinzinho Sotto Mayor», de Julio Costa.

Um pequerrucho de physionomia alegre e insinuante, encostado a uma cadeira antiga, tendo na mão um velho e artistico espadim.

Todo o quadro é de uma harmonia encantadora, fazendo um delicioso contraste sobre o veludo negro do vestuario, a alvura das rendas que o guarnecem.

Depois d'isso ha ainda a notar, a naturalidade da attitudo, a intensidade de vida da pequenina e graciosa cabeça do retratado e a forma irreprehensivel como estão reproduzidos, o espadim, a cadeira e o tapete do aposento.

O mesmo artista expõe ainda mais dois retratos, em meio corpo, um dos quaes merece especial menção, o do fallecido publicista Oliveira Martins.

E' de uma similhaça notavel, vindo-se a cabeça perfeitamente caracterizada nos seus traços physionomicos.

A mão direita, que pende do rebordo da meza, é de um dezenho correctissimo.

Marques de Oliveira, o talentoso professor da nossa Academia, expõe um bom retrato em busto do secretario da mesma Academia o sr. Thadeu Maria de Almeida Furtado, talvez um tanto avermelhado de cor, mas de uma similhaça perfeita e de um dezenho irreprehensivel, e mais sete pequenos quadros de paisagem.

O mais importante d'elles é o que se intitula «O amieiro da Pena». Uma grande arvore, junto a um ribeiro ou ao que na aldeia se chama «poço». Além da justeza com que a paisagem em geral está interpretada, ha a notar os reflexos avermelhados do sol poente que illuminam o firmamento, e que se refletem na agua de um modo pittoresco, dando essa mancha uma nota curiosa á tela.

São igualmente encantadores e muito bem pintados: «O poço», caracterizado pela figura de uma rapariga trazendo um cantar na mão, o que anima aquella bocado de paisagem muito caracteristica do nosso Minho; o «Rio d'Este», em que ha reflexos bem reproduzidos em um pedaço de agua; «Azenha»; e «Efeito de manhã», em que o artista apresenta com felicidade efeitos do amanhecer, no campo.

Antonio José de Costa dá-nos alguns quadros de flores, bem pintados, entre os quaes assignalaremos o que tem por titulo «Manhã de S. João», em que se destacam uns malvaiscos excellentes pela justeza da cor, e avelludado das petalas e os dois que se denominam «Flores» sendo um de rosas e outro de camelias, ambos elles encantadores.

O mesmo insigne artista exhibe ainda alguns apreciaveis estudos de paisagem.

O illustre pintor Salgado figura no cathalogo com quatro quadros, um dos quaes a paisagem «Noir et Rose», que não conseguimos vêr, ou que nos passou desapercibida pela sua pequena importancia.

Das outras telas, a não ser a cabeça de estudo que tem o n.º 110, nenhuma d'ellas corresponde aos elevados meritos do afamado pintor.

O «Othello», que apenas se destaca pelo contraste do amarello das roupas com o negro da physionomia do mouro, não passa de uma quasi banalidade que podia ser assignada por outro qualquer artista de menos nome.

De Antonio Bamalho, um pintor tambem distincto, nada podemos destacar dos seis pequenos quadros que expõe, a não ser o que se intitula «Praia da Boa Nova», que tem merecimento.

Nos restantes ha uma tal confusão ou emaranhamento de pormenores e de tons, que se tornam de um effeito desagradavel á vista.

José de Almeida e Silva, apresenta-se este anno muito melhor do que no anno passado.

O seu quadro «Ave-Maria» tem qualidades recommendaveis. A figura do Coveiro, que se descobre, ao toque do «Angelus», tem sentimento e está bem pousada. O arvoredor e os mausoleus foram copiados com arte, mas o terreno do cemiterio que parece formar ondulações successivas, e a tonalidade que o artista imprimiu áquelle effeito do declinar da tarde, não nos parecem muito verdadeiros.

O outro seu quadro «O rio Pavia», apesar de um tanto frio, agradou-nos muito mais do que o anterior, pela forma mais justa como a natureza está interpretada.

Torquato Pinheiro expõe nada menos de doze quadros, a maior parte d'elles de pequenas dimensões. Porque não antes duas ou tres telas apenas, mas de uma maior importancia artistica?

O quadro «Azenha no Februs», está bem tratado, sendo apenas para sentir que o bocado de agua que ali se vê, esteja tão negra e tão pouco transparente.

São ainda dignas de notar-se: «Ao cahir da tarde», (n.º 131), uma das mais interessantes que expõe, «Ao chegar da noite» e «Uma ilha no Porto».

Ha ainda uma ou outra tela em que Torquato Pinheiro patenteia gualmente não so as suas aptidões, como os seus vehementes desejos de se extremar, mas as que deixamos apontadas são a nós so vêr as mais importantes.

Antonio Candido da Cunha, que terminou agora o curso de pintura na nossa Academia, é uma das bellas revellações de artista de talento que a presente exposição nos offerece.

O seu quadro «Agar e Ismael no deserto», que constitue a sua prova final do exame do 5.º anno de pintura, tem qualidades que não podem passar desapercibidas.

O colorido do quadro é agradável, as duas figuras tem uma attitudo bem procurada, ha boa expressão na de Agar e o desenho em ambas ellas é em parte cuidadoso e intelligente.

O referido artista faz-se acompanhar de uma bagagem de mais quinze quadros. Sempre a questão de quantidade a predominar na da qualidade.

Felizmente que entre os trabalhos que Candido da Cunha expõe, ha alguns de incontestavel merecimento.

Assignalaremos, por exemplo, a «Manhã: campo em pleno sol»; de excellentes cor e boa perspectiva; «Ultimos raios de sol»; «Campo de milho», animado pelas figuras das duas aldeias; «Ao fim da tarde», uma das suas mais bellas paisagens, em que se destaca um gracioso grupo de figuras e mais um ou outro quadro.

Um outro alumno da Academia, igualmente talentoso e que se apresenta n'este certamen de um modo digno de todo o elogio, é Antonio Teixeira Carneiro Junior.

O retrato do sr. tenente Eça impressiona não só pela similhaça irreprehensivel como pela alegria e verdade do colorido e pela exactidão com que está tratados todos os pormenores do traje militar. Além d'isso a figura está muito bem desenhada. O que achamos é o fundo demasiado historiado, n'aquella reunião de militares, dispersos, que ainda assim não fazem diminuir a importancia da figura principal, para a qual a attenção converge desde logo. É um excellentes trabalho.

Um outro retrato tambem muito similhante e pintado com acerto, é o de Eduardo Artayett, n'aquella patuça expressão de vidente, erguendo os olhos para o céu, como se de lá lhe podesse vir consolação ás suas penas e mais partes. O referido retrato tambem attrahe muito a attenção.

A cabeça intitulada «Viuva», é um estudo apreciavel, como o é ainda uma outra cabeça que tem por titulo «Retrato do meu amigo».

A sr.ª D. Alice Grillo, uma artista distinctissima, cujos trabalhos estão dia a dia notabilizando-se cada vez mais, apresenta alguns maravilhosos quadros de flores, de uma frescura e de um vigor de colorido admiraveis. Notaremos por exemplo os seus formosissimos «malvaiscos»; os seus notaveis «Crysanthemos», e o quadro intitulado «Flores», composto de rosas e orchydeas.

Além d'estes trabalhos ha ainda o denominado «Estudo», uma graciosa cabeça de senhora (retrato), emoldurada em uma grinalda de rosas e orchydeas.

Este retrato é por igual uma verdadeira obra de arte.

Uma outra senhora que tambem apresenta varios quadros, é a sr.ª D. Lucilia Aranha. Dos seus trabalhos destacaremos, como o que mais nos agradou, a «Cabeça de estudo», que tem qualidades de desenho e de cor, de todo o ponto apreciaveis.

Accacio Lino exhibe «Um moinho» (estudo de

POESIAS DIVERSAS

TEXTO

VERSIONE

CANÇÃO DO BERÇO

CANZONE DELLA CULLA

Vem Nossa Senhora n'uma jumentinha :
Caminha, caminha, caminha, caminha.

Vien Nostra Signora — su una giumentina :
Cammina, cammina — cammina, cammina.

Traz o Filho amado ternamente ao collo,
Como um luminoso, lírial consolo !

Al seno si stringe — il bel Figliuolo,
Suprema sua gioia — suo ben, suo diletto !

Canta a cotovia ! Canta o rouxinol !
Os semeadores mourejam ao sol.

L'allodola canta ! — cantò l'ussignuol !
E il seminatore — trafela già al Sol.

— Que andaes semeando, nesse solo amigo ?
— Nós, Senhora Nossa ! semeamos trigo.

— Che semini, o amico, — in questo terreno ?
— E' grano, o Signora ! — risponde ei sereno.

E a Virgem Maria, no seu véo de Graça,
Respondeu, sorrindo — Que o trigo vos nasça !

E la Vergin Madre, — graziosa, ridente,
Gli dice, «gran frutto — ti dia la semente !»

E seguiu avante — misteriosa arvéola,
Cór do arco-iris a divina aureola...

E innanz: procede, — cutrettola arcana
Raggiante di luce — che par sovrumana...

E seguiu contente : mais além, havia
Novas sementeiras ; e a Virgem Maria,

E andava contenta ; — ma più oltre c'è ancora
Chi semina campi ; — e Nostra Signora,

Com seu Filho amado ternamente ao collo,
Como um luminoso, lírial consolo,

Che al seno l'amato — Figliuolo tien stretto,
Suprema sua gioia, — suo ben, suo diletto,

Levantando os olhos do seu doce abrigo :
— Que andaes semeando, nesse solo amigo ?

Alzando lo sguardo — dal suo dolce nato :
— Che mai seminate, — dice ella, nel prato !

Uma voz responde, sacudida e breve :
— Semeamos pedras, que é officio leve !

E s'ode una voce — rispondere altiera
— Noi seminiam pietre — che é impresa leggiera !

E a Virgem, chorando da brutal dureza,
— Pois pedras vos nasçam, disse com tristeza...

La Vergin, piangendo — per tanta durezza,
«E nascervi pietre» — sclamò con tristezza...

E sumiu-se ao longe, sem soltar um ai,
Como pomba branca, que ferida vae...

E senza lamento — di là si é partita,
Qual bianca colomba — che venne ferita...

Mas no outro dia, — bem o quiz a sorte !
Fôra o chão tocado pela mão da Morte...

Ma il giorno seguente — si il volò la sorte !
Sconvolse quel campo — la man della Morte...

Tudo pedregulho — desolada magua !
Olivais mirrados, nem um veio de agua.

Non v'han più che sassi — ovunque é squallore !
Seccaron gli olivi — e il suol non ha umore.

E o primeiro campo, num trigal florido,
Repentinamente, fôra convertido,

Però il primo campo — apparve repente
Onusto a dovizia — di biada fiorente,

Mal vinha rompendo, no horizonte, a aurora...
Foi Nossa Senhora ! foi Nossa Senhora !

Appena nel cielo — apparve l'aurora...
Fu Nostra Signora — fu Nostra Signora !

Joaquim de Araújo.

Prospero Peragallo.

(Canção do Berço — Genova 1895).

MIGALHAS DE HISTORIA

V

CENSURA DE LIVROS IMPRESSOS

Desde que a imprensa se espalhou pelos diversos Estados da Europa, occorreu naturalmente aos governos d'elles, fazer examinar previamente os livros que se pretendiam fazer ler ao publico.

De principio e no nosso paiz, commettia-se esse encargo a um ecclesiastico, regularmente da ordem de S. Domingos. Depois do estabelecimento do Santo Officio, o exame era feito, por parte d'este tribunal, por um religioso, qualificador, alem do que por parte do ordinario, isto é, do Prelado da Diocese, era, como dissemos, feito por outro ecclesiastico.

Mais tarde passou a intervir n'este assumpto o Desembargo do Paço, que depois das licenças das duas partes referidas, mandava fazer uma inquirição pelo corregedor do Bairro, e ouvir em seguida o Procurador da Corôa, como se se tratasse de algum crime notavel, da questão da companhia do Nyassa, ou de qualquer grave ponto d'administração publica.

Estabeleceu-se por fim a Mesa Censoria, e parece incrível que livros joeirados por tantos crivos, ainda fossem apontados ou registados nos famosos *Index-Expurgatorios*, monumentos formidando de critica-catholica.

O resultado do exame do Desembargo do Paço, ou da Mesa Censoria, era transmittido ao governo em uma consulta que começava pela transcrição do requerimento do auctor ou editor que solicitava a licença e privilegio, resumia as opiniões dos magistrados ou auctoridades consultadas, e concluia com o parecer do Tribunal.

De uma d'estas consultas, referente aos conhecidos livreiros Borel e Roland, vamos dar conhecimento aos leitores. Eil-a:

Senhor

A Vossa Magestade representa Borel e Roland mercadores de livros, de nação franceza, ha muitos annos moradores n'esta córte, que elles tinham

feito imprimir á sua custa as *Obras de Duarte Ribeiro de Macedo*, o *Diccionario da Biblia* em oitavo, que fizeram traduzir do idioma francez, o *Compendio da Historia do Velho e Novo Testamento*, igualmente traduzido do original francez, os *Conselhos da Sabedoria*, ou *Maximas de Salamão*, em tres volumes, e, alem d'estas, tinham já licenças e estavam na impressão as *Obras poeticas de Domingos dos Reis Quita*, a *Escolha do Mundo* em quatro volumes, o *Armazem de Meninos*, tudo traduzido do original francez e, o *Secretario de Negociantes*, em francez e portuguez; no que tudo tinham feito despesa consideravel, que aventuraram no desejo da instrucção e proveito da mocidade portugueza; e porque recebiam perder esta despesa, se se multiplicasse a reimpressão dos mesmos livros e V. Magestade com summa benevolencia costuma attender ao prejuizo de quem depende muito na impressão dos livros, em utilidade do seu reino, concedendo-lhe privilegio por tempo de dez annos, para ninguem fazer reimprimir no reino ou fóra d'elle os mesmos livros, com pena de perder os volumes para os supplicantes, e de pagar cem cruzados por cada vez que lhe forem achados, e seis mil cruzados se passar da terceira transgressão, metade para os supplicantes e outra metade para o accusador e Hospital Real.

Pedimos a V. Magestade fosse servido conceder-lhes igualmente o dito privilegio para que, pelo dito tempo, ninguem fizesse reimprimir nem vender os citados livros, com as referidas penas e as mais do estillo, que V. Magestade houvesse por bem mandar impôr.

Ordenou-se ao Corregedor do Cível da cidade Marcellino Xavier da Fonseca Pinto que informasse com o seu parecer, ao que satisfiz, dizendo:—Que das testemunhas que perguntara, constava que os supplicantes tinham feito despesas consideraveis na impressão dos referidos livros, e que continuavam a fazer com os mais que estavam nas licenças e lhe apresentaram os primeiros cinco que referiam, cuja impressão estava já completa; e como teriam prejuizo grande se outrem reimprimisse os ditos livros, aproveitando-se do seu traba-

paisagem), trabalho promettedor, em que ha apenas a notar a desproporção da figura do rapazinho que se vê junto do moinho.

Eduardo Moura, que está estudando em Paris, expõe quatro telas que dão prova do seu grande aproveitamento: «Bucolica», um pedaço de paisagem em que se vê duas creanças apanhando flores, e de bonito aspecto; «Interior», uma velha a cozer, tambem representa um estudo muito acertado; e «Fim da tarde» (margens do Sena), e uma boa impressão, em que se salienta a mancha verde-escuro da vegetação sob uma atmosfera afogocada, pelo declinar do sol.

São de um effeito muito agradável as duas marinhas de Arthur Prat: «Pesca do berbigão», em Aveiro e a «Caldeirada», alguns pescadores, cozinhando, junto á margem do rio no qual se destacam alguns barcos de pesca.

Muito claros e bem procurados os seus pormenores, estas marinhas impressionam bem.

Julio Ramos enviou este anno de Paris, apenas dois quadros: «Fim de verão» e «Estudo de neve». Ambos elles são bons, bem caracterizados e reproduzindo com sciencia a natureza. O primeiro d'estes quadros principalmente, pela sua vegetação agreste, parte da qual se reflecte na agua que se vê junto ao arvoredor, é de muito merecimento.

Antonio Ribeiro, tambem enviou cinco quadros. O melhor d'elles é, sem duvida, o que se intitula «Derniers rayons de soleil», um pedaço de campina, ao entardecer.

José Raphael, que ha apenas um anno foi para Paris, mostra nos tres quadros que enviou, os progressos rapidos que tem feito. A prova d'isto patenteia-se sobretudo na «Paysagem» (Bretanha), e no «Inverno», uma boa impressão da neve cobrindo a vegetação.

Silvestri Silvestro expõe seis quadros dos quaes nos agradaram, principalmente, o intitulado «Para o natal» e o quadro de esbocetos de paisagem. Tem ainda um outro mais, igualmente apreciavel.

João Vaz enviou apenas um quadro, «Ao sol», mas esse distincto.

Das duas telas exhibidas por Jayme Verde, a que melhor nos impressionou foi a que se intitula «Cruzeiro dos alminhos», que é de um colorido intenso e de uma perspectiva justa.

São varios os amadores que expõem este anno.

D'elles referir-nos-hemos apenas ao sr. Antonio Alexandrino, que tem duas telas dignas de elogio: «O porto de Leixões ao sol posto», e «Crepusculo» O primeiro, sobretudo, é uma boa impressão do entardecer em um dia de verão abraçador; e á sr.^a D. Leopoldina da Silva Maya Pinto, que tem feito progressos devéras notaveis, sob a direcção muito competente da sua professora a sr.^a D. Alice Grillo.

Entre o grande numero de quadros que expõe notaremos, por exemplo: «Flores do campo», «Malvaiscos», «Plantas e fructos», «Pecegoa e uvas», e «Crysanthemos». Todas estas telas, pela delicadeza com que estão executadas e pela justeza da interpretação, revelam por parte da sua auctora não só muito talento, como decidida aptidão para a pintura.

Em aquarella apenas José de Almeida e Silva apresentou um trabalho: «Paisagem de inverno». Eis ahi um outro quadro que nos satisfaz e que reproduz com a maxima exactidão um effeito de neve em um bosque.

Em pastel apenas Joaquim do Lago Pinto expoz dois quadros; um retrato e «Malmequer», duas rapariguinhas desfolhando um malmequer.

Ambos os trabalhos são dignos de todo o apreço pela sua boa execução.

O retrato, principalmente, pela similhaça, e pelo modo artistico como está desenhado, e pelo tom agradável de todo o colorido, é um trabalho de incontestavel merito. «Malmequeres» tambem não deixa de ser gracioso e bem tratado, quer nas attitudes das raparigas, quer nos pormenores do vestuario.

Em esculptura apresenta Teixeira Lopes o projecto do monumento a Soares dos Reis.

F. da Silva Gouveia, que está estudando em Paris, apresenta varios trabalhos, entre elles uns pequeninos bustos em barro, muito graciosos; um bom retrato em medalhão (gesso), e o busto da mãe do escultor, tambem em barro, de uma modelação firme e bem tratada.

E eis a resenha da presente exposição de arte.

lho, que, pela utilidade que d'elle resultava ao publico, era digna de attenção, parecia que se lhe devia conceder o privilegio que pediam e V. Magestade mandaria o que fosse servido.

Dando-se vista ao Procurador da Corôa, ¹ respondeu dizendo—Que parecia que estas informações deviam encarregar-se não a um Ministro, como tal, mas a um bem illuminado Censor, que desse idea da bondade e qualidade dos livros, bem entendido, que nada creia, em geral em elles terem já as licenças da Mesa, e porque nem sempre se dirigiam a Censores que soubessem a materia das Obras. Esta especial informação era a que decidia do privilegio e do tempo por que se devia conceder, pois era manifesto que maior privilegio merecia um bom original que uma boa traducção, maior uma boa traducção que um mediano original, etc. Como eram do seu conhecimento as obras de que se fallava na petição, facilmente se conformava com a informação; com protesto que não era para as suas occupações outro exame que não fosse o posterior á exata e segura informação do Censor, que apontava, como já em substancia respondera um dos seus antecessores Manoel Lopes d'Oliveira. E para o dizer claramente por honra do Tribunal e da Nação e para satisfazer com o seu officio, dizia—que fazia lastima ver livros impressos com licenças do Dezembro do Paço, censurados sem discernimento por homens que nem levissima idea tinham de disciplina do livro, nem obrigação para a ter. Quasi por costume mandava-se um livro a um Religioso, como se o principal objecto da inspecção da Mesa, depois do Santo Officio e do Ordinario, fosse ver se se imprimia cousa contra a fe; e isto se fazia quando o livro nem rotulo tinha de theologia, para constar entre as Nações civilizadas que os Tribunaes Regios em Portugal autorizavam por defensores das regalias da Corôa e reconheciam por omniscios, no ecclesiastico e no profano, aos Regulares, e que fóra d'elles nada havia que soubesse ler.

E sendo tudo visto:

Parece á Mesa que em attenção ao grande merecimento d'estas traducções e á despesa que tem feito e fará ainda n'ellas, o supplicante se faz digno da graça que pede.

E quanto ao mais que aponta a Procurador da Corôa a respeito da escolha dos Censores para as obras que se pretendem imprimir, suposto teria melhor applicação nos annos anteriores, reconhece contudo a mesma Mesa que interessa ao credito da Nação em que se não publiquem livros que a deslustrem, nem se reimprimam os que não conduzem utilidade alguma ao publico. E para cessarem os inconvenientes que resultam de se multiplicarem os inuteis, será preciso que V. Magestade se sirva ordenar que d'aqui por deante se não conceda na mesma Mesa a ultima licença para impressões e reimpressões, sem primeiro ser ouvido o Procurador da Corôa, como se pratica em outras muitas Nações civilizadas.

Lisboa, 6 de Maio de 1767.

Affonseca—Pacheco—Castro—Cræsbek—Viegas.

São notaveis n'esta consulta as reflexões de José de Seabra da Silva, relativas ao modo como eram examinados os livros, á competencia dos Censores, e á maneira como elle, e portanto o Marquez de Pombal, de quem recebia a inspiração, pensavam sobre este assumpto. É documento curioso para a historia litteraria em geral, e em especial para a do seculo XVIII.

Jacinto Peres



REVISTA POLITICA

Já vimos tarde para fallar das eleições geraes de deputados, que se realisaram no dia 17 do mez passado, dois dias depois de publicada a nossa ultima revista, mas mais cedo que viessemos não ganharíamos alvissaras pelas novidades, porque se alguma novidade tiveram estas eleições foi precisamente a novidade de não terem novi-

dade alguma, de não despertarem a mais leve curiosidade, porque não houve lucta, umas eleições completamente a capucha, como algum tempo os casamentos de copote e lenço ás 5 horas da manhã, sem apparatus, sem concorrência de gente, eleições de lá vem um, sem carneiro guiado com batatas, sem vinho, sem foguetes e até sem galopins!

Uma coisa assim nunca se tinha visto, diziam os raros eleitores que vinham á urna. E appareciam d'aquelles que raras vezes se iam vendo concorrerem a estes actos; eleitores pacatos e graves que vestem a sua sobrecasaca dos dias solemnes, o chapéu alto do casamento e das eleições e o inseparavel chapéu de chuva companheiro do fato de ver a Deus. E vimos lá d'estes bons typos, segurando entre os joelhos o chapéu de chuva a fazer cabide ao chapéu da cabeça, para as mãos manobrem desempeididamente, na difficil tarefa de tirar a lista da algibeira da sobrecasaca e entregar a mui respeitosa e gravemente ao presidente da assembléa, que muito pachorrontamente a recebia e deitava na urna, repetindo o nome do eleitor para ser descarregado cuidadosamente nos cadernos do recenseamento.

Para tudo isto houve tempo de sobra, o que não impediu de afinal a votação ser relativamente maior n'estas eleições que nas anteriores, attendendo aos grandes côrtes que soffreram os recenseamentos e ao grande numero de eleitores que não receberam lista nem carta convidando-os a votar.

A urna não podia estar mais livre, pelo que não poderam servir d'esta vez os clichés que os jornaes da opposição tem guardados para todas as eleições, sobre as violencias e irregularidades praticadas n'aquelles actos, desde o governo até ao mais reles galopim, um rosario de immoralidades que apparece sempre por estas occasiões.

Passou-se tudo em santa paz, e todos aquelles que não faziam idéa do que fossem umas eleições de deputados tão livres como o pensamento, tiveram occasião de assistir a esse caso raro, graças á abstenção das opposições, que pelos modos estão tão arrependidas d'essa abstenção como de seus peccados, que não são poucos.

O arrependimento das más acções é sempre louvavel, por mostrar que não é completa a perversão do delinquent, e apezar de estarmos um pouco distantes ainda da quaresma, não falta quem se esteja penitenciando pelos erros commettidos, depois de experimentar que a abstenção, que livremente se tinham imposto até onde julgavam convir-lhes, estendeu-se, contra sua vontade, até onde lhes não convinha, como aconteceu em algumas eleições camarárias que a opposição disputava e que perdeu.

Nas eleições camarárias a abstenção não foi tão completa como nas eleições de deputados, mas os eleitores é que não quizeram saber d'isso e nos circulos onde a opposição deu campanha, a sorte foi-lhe adversa, ficando peor do que se se tivesse abtido porque perdeu as eleições onde ha dezenas d'annos as ganhava sempre, como muito especialmente aconteceu no Porto e em Braga.

Foi uma dura experiencia que já está produzindo os seus efeitos, como se viu na ultima reunião do partido progressista, realisada no Porto, em que este partido affirmou as suas crenças monarchicas e se desligou dos republicanos a que se havia unido sob o titulo esdruxulo de *colligação liberal*.

Assim entra o partido progressista em tirocinio para o poder, o que sempre define melhor a politica interna, que n'estes ultimos tempos andava a razão de juros, de modo que nem no proprio seio do gabinete parece que se entendiam bem os ministros.

Essa desintelligencia ou falta de accordo deu em resultado a sahida do sr. Ferreira d'Almeida ministro da marinha, que deu a sua demissão, a qual foi accete por El-rei. Esta vaga, porém, foi immediatamente preenchida pelo sr. dr. Jacintho Candido da Silva, um parlamentar distinctissimo que desde 1887 representa no parlamento o districto de Angra do Heroismo, d'onde é natural.

O sr. dr. Jacintho Candido, que é hoje o titular da pasta da marinha, foi um academico laureado que deixou um rastro brilhante na universidade de Coimbra, onde se formou em direito, em 1881, contando 24 annos de idade, pois nasceu em 30 de novembro de 1857.

Exerceu por alguns annos a advocacia em Angra do Heroismo desempenhando tambem o lugar de professor do Lyceu d'aquella cidade.

Eleito deputado, em 1887, veio para Lisboa, onde estabeleceu banca de advogado, e ainda não ha muito foi nomeado chefe de repartição no ministerio da marinha e ultimamente nomeado ajudante do procurador geral da corôa.



CONSELHEIRO DR. JACINTHO CANDIDO DA SILVA,
NOVO MINISTRO DA MARINHA

A sua carreira politica tem sido das mais correctas, distinguindo-se no desempenho de varias commissões parlamentares, sendo um orador tão correcto quanto brilhante, cativando tanto pelo colorido da palavra como pela sua presença sympathica e attraente.

Que o novo ministro se distinga tanto na gerencia da sua pasta como se tem distinguido nos trabalhos parlamentares, é o que muito desejamos para gloria do seu nome e proveito do paiz, que tanto tem a esperar dos negocios que correm pela pasta da marinha, que está sendo das mais importantes, attenta a alta importancia que vão tendo os negocios do ultramar.

Nos ultimos tempos o que mais tem dado que fallar tem sido as colonias portuguezas d'Africa, que por tantos annos dormiram o somno mais justo.

Depois das viagens de exploração, veio a criação de varios districtos, ou delimitações de fronteiras com os conflictos que essas delimitações levantaram e que nos trouxeram o celebre *ultimatum* de 11 de janeiro.

Seguiram-se então uma serie de conflictos que não tem deixado descansar as chancellarias dos negocios estrangeiros e da marinha e ultramar, até que o ultimo conflicto com o potentado Gunguhama veio acender uma guerra em Africa em que as armas portuguezas acabam de alcançar a mais assignalada victoria.

Que esta victoria, que veio affirmar a vitalidade portugueza em Africa, ponha termo a todas as questões sobre os nossos direitos e occupação d'aquelle paiz, deve ser o desejo de todos os portuguezes.

João Verdades

ERRATA

No artigo *Uma pagina de Historia Contemporanea* etc., publicado em o n.º 610, a pag.º 267, 2.ª columna, linha 15, onde se lê «rei Frederico da Prussia» leia-se Imperador Guilherme I da Prussia, conforme estava no original.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empreza do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 35

¹ Era então Procurador da Corôa o dr. José de Seabra da Silva, personagem por muitos respeito notave.